

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER
NAS PERSONAGENS FEMININAS DE JEAN GREY (FÊNIX)
E ORORO MUNROE (TEMPESTADE)
NOS QUADRINHOS DE X-MEN**

Gracyella Gonzaga Arantes (UEMS)

gracyellagonzagaarantes@gmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

O surgimento da primeira super-heroína estadunidense do mundo dos quadrinhos só veio acontecer entre os anos de 1930 até 1940, na mesma época em que começaram acontecer os movimentos feministas nos Estados Unidos e as mulheres conseguiram ter seus pedidos ouvidos e aceitos, agora elas poderiam votar, estudar, trabalhar e serem reconhecidas como cidadãs, apesar de ser um período em que ocorria a Segunda Guerra Mundial. As histórias em quadrinhos dos *X-men* foi à primeira revista da *Marvel Comics* a apresentar super-heroínas em papéis de grande destaque. *Jean Grey* era umas das primeiras a entrar para a *Escola para Jovens de Super Dotados*, o *Instituto Xavier*, o restante eram todos homens. Mas as *X-women* da década de 1970, como por exemplo, a super-heroína *Tempestade*, refletia a mudança social da era. Eram pensadoras independentes, tinham uma vontade forte e eram rígidas como ferro. Os *x-mens* pertenciam à população dos mutantes, que eram seres que possuíam genes especiais, fora dos padrões normais, não sendo, por isso, considerados humanos, eram discriminados e perseguidos, os mutantes eram, às vezes, caçados como se fossem animais perigosos, porém mesmo com tudo isso trouxe a representação da mulher em suas personagens femininas com força e garra.

Palavras-Chave: Representação. Mulher. Quadrinhos. X-men.

1. Introdução

Nos últimos anos no universo das histórias em quadrinhos temos percebido a abordagem de todos os tipos de temas transversais de acordo com todos os problemas corriqueiros presentes na sociedade e sendo trazidos para serem discutidos dentro da comunicação de grande massa de forma que todos possam compreender os temas abordados. Esses temas percorrem desde discriminação, gênero, raça e até mesmo a situação real

e atual da mulher que passou a ser muito bem representada dentro dos quadrinhos, aquelas que deixaram de ser vítimas, frágeis e as mocinhas indefesas ou personagens secundárias nos quais apenas auxiliavam os personagens de super-herói masculino como pedia que fosse de acordo com os tempos da sociedade machista da época em que a mulher era vista como domínio e cuidados dos homens.

O surgimento da primeira super-heroína estadunidense do mundo dos quadrinhos só veio acontecer entre os anos de 1930 até 1940, na mesma época em que começaram a acontecer os movimentos feministas nos Estados Unidos e as mulheres conseguiram ter seus pedidos ouvidos e aceitos, agora elas poderiam votar, estudar, trabalhar e serem reconhecidas como cidadãs, apesar de ser um período em que ocorria a Segunda Guerra Mundial.

A afirmação da igualdade entre os sexos vai confluir com as necessidades econômicas daquele momento histórico. Valoriza-se, mais do que nunca, a participação da mulher na esfera do trabalho, no momento em que se torna necessário liberar a mão-de-obra masculina particular, nos países diretamente envolvidos no conflito. (ALVES, 1985, p. 50)

É no início da década de 1940 que aparece nos quadrinhos a primeira super-heroína a *Wonder Woman* conhecida no Brasil como Mulher Maravilha criada pelo psicólogo, ativista dos direitos humanos e ativistas do movimento feminista naquele período, *William Moulton Marston*. A Mulher Maravilha é criada como contrapartida ao super-herói *Super-Homem* e, alguns anos mais tarde, por volta de 1963, são criados pelo escritor *Stan Lee*,⁵³ os *X-men*⁵⁴, os mutantes que trazem para as páginas das histórias em quadrinhos todos os tipos de questões sociais; como discri-

⁵³ Stan Lee, o célebre criador dos personagens Hulk, X-men, Homem de Ferro, Os Vingadores, Demolidor; ainda era um desconhecido roteirista na Editora Marvel quando inaugurou, com a revista Quarteto Fantástico (1961), o chamado Universo Marvel, apresentando novos conceitos de heróis e heroínas. Com o sucesso do seu trabalho, transformou a Marvel na maior editora e distribuidora de quadrinhos do mundo.

⁵⁴ A equipe dos X-Men foi criada pelo professor Charles Francis Xavier; com a finalidade de proteger o mundo da crescente ameaça mutante. A meta de Xavier era treinar jovens mutantes a controlar e usar suas habilidades especiais, assim eliminando a possibilidade de se tornarem uma ameaça. A primeira formação dos X-Men era composta por: Ciclope, Fera, Anjo, Homem de Gelo e Garota Marvel (atual Fênix). O irmão de Ciclope, Destruitor, a princesa do magnetismo Polaris e o enigmático Mímico também foram integrantes por um período. Um tempo depois, os X-men foram capturados, e Xavier se viu forçado a convocar novos elementos para o resgate. Assim surgiram os novos X-men: Tempestade, Wolverine, Noturno, Colossus, Solaris, Pássaro Trovejante e Banshee. A revista em quadrinhos X-men é a mais comercializada do mundo. (MORRIS & MORRIS, 1983)

minação, gênero e raça.

As histórias em quadrinhos dos *X-men* foi à primeira revista da *Marvel Comics* a apresentar super-heroínas em papéis de grande destaque. *Jean Grey* era umas das primeiras a entrar para a *Escola para Jovens de Super Dotados*, o *Instituto Xavier*, o restante eram todos homens. Mas as *X-women* da década de 1970, como por exemplo, a super-heroína *Tempestade*, refletia a mudança social da era. Eram pensadoras independentes, tinham uma vontade forte e eram rígidas como ferro.

Torna-se cada vez mais necessário, sem esquecer a opressão histórica sobre as mulheres, superar a dicotomia ainda fortemente presente entre a “vitimização” da mulher, uma análise que apresenta um processo linear e progressista de suas lutas e vitórias, e a visão de uma “onipotência” e “rebeldia” feminina, que algumas vezes estabelece uma “heroicização” das mulheres. (MATOS, 2000, p. 15)

Os *X-mens* pertenciam à população dos mutantes, que eram seres que possuíam genes especiais, fora dos padrões normais, não sendo, por isso, considerados humanos, eram discriminados e perseguidos, os mutantes eram, às vezes, caçados como se fossem animais perigosos, porém mesmo com tudo isso trouxe a representação da mulher em suas personagens femininas com força e garra.

2. *Revisão da literatura*

Dentre as diversas narrativas, são destacadas as histórias protagonizadas por super-heróis que, mais do que simples entretenimento infantil são “[...] a expressão da vida humana: sociedade, valores, religião, cultura, comportamento, crenças, aspirações [...]”. (REBLIN, 2011, p. 7)

Essa importância das histórias em quadrinhos no contexto social é explorada também por Selma Regina Nunes Oliveira no livro *Mulher ao Quadrado* (2007). A autora afirma que o desenvolvimento de uma história em quadrinhos corresponde a:

[...] um jogo de recriação no qual os autores se reapropriam de representações para construir uma forma de discurso aparentemente inédita, em que, a cada quadrinho, a interação da imagem com o texto institui modos de ser e de estar no mundo. (OLIVEIRA, 2007, p. 141)

Como produtos de uma indústria cultural difundida pela mídia, as histórias em quadrinhos são obras que levantam questões socioculturais. No entanto, estas questões são retratadas em um mundo fantástico, que é

amplo, rico e complexo, o que permite diferentes interpretações e infinitas abordagens. Nildo Viana (2011) afirma que as histórias narradas são dependentes do contexto social que as imaginou e criou. Desse modo, os super-heróis não são apenas distrações fantasiosas para crianças, mas um importante produto de nosso inconsciente. A partir deles, é possível enxergar a sociedade por meio dos valores dominantes em determinadas época e sociedade.

Protegidas pela tinta e pelo papel, os personagens das histórias em quadrinhos materializam representações que são constantemente retomadas, reatualizadas e normatizadas sob a forma de um simples exercício de leitura; do jogo lúdico entre palavra e imagem, que aparentemente desvincula do mundo real, retoma, recria e fundamenta modelos e saberes. (OLIVEIRA, 2007, p. 23)

Sob essa perspectiva, analisar a representação da mulher nas histórias em quadrinhos não significa apenas compreender um microuniverso direcionado a um público, mas sim a forma como a mulher foi entendida e retratada pela sociedade em determinado período e contexto.

Para Lúcia Loner Coutinho (2010), os valores machistas e patriarcais firmados há séculos ainda estão latentes na sociedade contemporânea, assim os papéis sociais desempenhados pela figura feminina “[...] se mostram extremamente rígidos” (COUTINHO, 2010, p. 57). Diferente do que se acreditava até a idade moderna, a “condição feminina [...]” (COUTINHO, 2010, p. 142) – a qual agrega à mulher uma fragilidade decorrente de seus aspectos biológicos – não mais se sustenta. Trata-se de construções sociais criadas e impostas ao longo de séculos de cultura, portanto, as relações de gênero como categorias sociais e a mulher deve desempenhar um papel social que lhe é esperado, que, por sua vez, é oposto ao papel desempenhado pelo homem.

O masculino e o feminino são criações culturais e, como tal, são comportamentos apreendidos através do processo de socialização que condiciona diferentemente os sexos para cumprirem funções sociais específicas e diversas. Essa aprendizagem é um processo social. *Aprendemos* a ser homens e mulheres e a aceitar como naturais as relações de poder entre os sexos. A menina, assim, aprende a ser doce, obediente, passiva, altruísta, dependente; enquanto o menino, aprende a ser agressivo, competitivo, ativo, independente. Como se tais qualidades fossem parte de suas próprias "naturezas". (ALVES, 1985, p. 57)

Algumas importantes mudanças sobre a normatização do sexo feminino ocorreram durante o século XX, dentre elas, o direito ao voto, a força de trabalho e o divórcio, como aponta Eric Hobsbawm (1995). O autor cita que as mudanças sociais ocorridas na segunda metade do sécu-

lo estiveram intimamente vinculadas à família tradicional e às atividades domésticas, expressões do papel central da mulher até então. Essas transformações refletiram nos bens culturais em maior ou menor grau.

Sobre o papel desempenhado pelas mulheres nas histórias em quadrinhos, Selma Regina Nunes Oliveira (2007) observa que existe a tendência em que as mulheres são apresentadas constantemente “[...] disputando a afeição ou o desejo do herói [...]” (OLIVEIRA, 2007, p. 14). São representadas como personagens frágeis e que recorrem ao homem quando algum problema acontece. A respeito da caracterização feminina nas histórias em quadrinhos, Selma Regina Nunes Oliveira cita:

Elas são muitas, mas são como cópias de um só original [...] Mudam os nomes, as roupas, os cenários, mas no fundo, ou melhor, no interior de seus gestos, maneiras e falas, ou silêncios, deparamos com personagens reelaboradas com base naquelas já existentes [...] que descrevem as mulheres como sombra de algum herói masculino. (OLIVEIRA, 2007, p. 62)

Somente após a criação da Mulher Maravilha, em 1941, que as mulheres passaram a ser representadas como personagens fortes e autosuficientes que não precisavam da ajuda masculina. Diana, o nome real da super-heroína, era uma amazona de origem grega e princesa da ilha *Themyscira*. Na década de 40, os papéis masculinos e femininos diante da sociedade ainda eram muito bem definidos. Logo, apresentar uma personagem mulher capaz de enfrentar homens e máquinas de guerra com a força do próprio punho significava quebrar alguns tabus para se impor no meio editorial destinado a consumidores cujo imaginário social era permeado por um posicionamento machista.

Consta que Moulton era um teórico feminista, e ao observar que a galeria de heróis e super-heróis pertencia ao sexo masculino quis, então, fazer uma personagem feminina que pudesse servir de modelo para as mulheres de sua época. Ele acreditava que as fortes qualidades do sexo feminino haviam sido desprezadas e resolveu criar uma protagonista tão forte como o Super-homem, mas com o fascínio de uma bela mulher. (OLIVEIRA, 2007, p. 108)

Apesar da criação da Mulher Maravilha na década de 1940, os quadrinhos ainda iriam demorar mais algumas décadas para aparecer com novas personagens femininas que tivessem tanta aceitação e relevância como os personagens masculinos e foi por volta da década de 60 com o intuito de atingir o público feminino, a editora Marvel apresenta algumas super-heroínas de igual importância ao seu time masculino, como a Mulher Invisível, integrante do Quarteto Fantástico e a Garota Marvel, integrante dos *X-men*.

Stan Lee incluiu uma nova figura feminina que possuía igual im-

portância aos personagens masculinos. Ao exemplo da Mulher Invisível, Jean Grey, a Garota Marvel, ainda que apresentasse certa fragilidade, era dotada de poderes tão (ou mais) espetaculares quanto seus parceiros de equipe. Da mesma forma que Marston fez ao criar a Mulher Maravilha vinte anos antes, Lee e suas personagens colaboraram para a quebra do paradigma que vinha se estabelecendo desde a década de 30.

A imagem do corpo é também apontada por Selma Regina Nunes Oliveira (2007) como um fator de limitação destas figuras femininas. Para a autora, as personagens de Stan Lee e “[...] eram bonitas, curvilíneas, mas não possuíam apelo sexual. Faltava-lhes a sedução e a ousadia das vilãs e sobrava-lhes o recato e a ingenuidade das mocinhas” (OLIVEIRA, 2007, p. 154). Esta caracterização, de acordo com Selma Regina Nunes Oliveira (2007), estava vinculada à imagem social da mulher nos anos 50 e 60, figuras jovens, frívolas, bonitas e praticamente infantis. Contudo, o feminismo ancorado pelos movimentos estudantis e antirracistas ao final da década de 60 e a contrarrevolução sexual nos anos 70 implicaram em uma nova demanda por personagens que correspondessem à realidade da época.

Desse modo, a pluriétnicidade, a erotização e a força física são algumas das características que começam a permear esta representação. Neste contexto, surge a mutante Tempestade, integrantes da nova formação da equipe *X-men*.

3. Um pouco da história dos *X-men* e da representação da mulher branca e negra de acordo com a época

As histórias em quadrinhos dos “*X-men*” servem de referência para a discussão sobre todos os tipos de diferença, ao supor que há mutantes entre nós: pessoas que nascem com habilidades extraordinárias e, na maioria das vezes, aparências atípicas; uns são capazes de atravessar paredes, outros manipular mentes, há aqueles que podem controlar o fogo, outros o gelo. Há ainda aqueles que possuem asas com uma aparência de anjo, outros, com aparência que lembra um demônio (REBLIN, 2008, p. 81). E por causa de suas capacidades incomuns, tais mutantes causam medo e insegurança nos seres humanos tidos não evoluídos.

Conforme aponta Sean Howe (2013), a criação de uma equipe multiétnica de heróis mutantes estava vinculada à reformatação da editora Marvel, que almejava os mercados estrangeiros. Segundo o autor, “O presidente da Marvel, Al Landau [...], percebeu que personagens europeus e asiáticos teriam

Também existe a suposição de que a evolução seja responsável pelo desenvolvimento de seres com superpoderes na história. Alguns seres humanos possuem o gene “*fator X*” em seu código genético, responsável pelas alterações no seu organismo. Em linguagem científica esse seria o próximo passo da evolução humana: de *homo sapiens* a homo superior.

Seres humanos diferentes foram obrigados a aprender a conviver (ou não), o que conduz à questão da alteridade. (...) A reflexão a cerca do outro, sempre ocorre no encontro com o outro diferente e, nesse encontro, a alteridade sempre oscilava entre uma visão depreciativa e uma visão ingênua acerca do outro diferente. (...) Mas ambas as visões desconsideravam o outro como ser humano. (REBLIN, 2008, p. 83-84)

Mas as histórias em quadrinhos destes super-heróis não nos mostram somente o impasse sobre discriminação, entre humanos e mutantes; ela vai muito além. As histórias em quadrinhos dos super-heróis X-men, apresenta-nos o assunto também sobre a diferença entre as personagens femininas e masculinas. As histórias em quadrinhos dos *X-men* foram os primeiros da Marvel Comics a apresentar super-heroínas em papéis de destaque, bem como uma grande diversidade delas. (IRWIN, 2009).

Stan Lee e Jack Kirby, no início da década de 1960, estavam no meio de um mundo sem precedentes de igualdade de gênero, no meio do movimento por direitos civis e da libertação feminina; e foi neste período, em setembro de 1963 que Stan Lee e Jack Kirby criam o universo mutante dos *X-men*. A maioria dos times de super-herói sempre incluía mulheres, como por exemplo, a Mulher Maravilha na *Liga da Justiça*, e depois *Canário Negro* que se junta a ela; *Sue Storm* no *Quarteto Fantástico*; *Vespa* nos *Vingadores*. Mas os *X-men* têm mais modelos femininos fortes que a típica história de super-heróis.

As super-heroínas dos *X-men*, as *X-women*, não são apenas beldades usando botas apertadas e peitorais. As *X-women* são verdadeiras heroínas de origens diversas, com enredos intrigantes de suas histórias e uma vida interior igualmente intrigante (IRWIN, 2009, p. 91). Na escola do Professor Xavier para jovens super dotados, as *X-women*, são criadas como pensadoras independentes, tinham uma vontade forte e eram rígidas como ferro.

É com o final da segunda grande guerra e o retorno da força de trabalho masculina, que a ideologia que valoriza a diferenciação de pa-

péis por sexo, atribuindo à condição feminina o espaço doméstico, é fortemente reativada, no sentido de retirar a mulher do mercado de trabalho para que ceda seu lugar aos homens. As mensagens veiculadas pelos meios de comunicação enfatizam a imagem da “Rainha do Lar”, exacerbando-se a mistificação do papel da dona-de-casa, esposa e mãe. Novamente o trabalho externo da mulher é desvalorizado, tido como suplementar ao do homem. (ALVES, 1985)

Então, ao mesmo tempo em que as mulheres da classe média estão deixando de ser apenas do lar e estão conquistando o mercado de trabalho e direitos iguais, nas histórias em quadrinhos, especialmente da Marvel, elas deixaram de ser apenas as mocinhas que se apaixonam pelos heróis e estão virando as heroínas, que também podem combater o crime e os inimigos, lado a lado com os heróis.

Entretanto, apesar do autor conscientemente tentar criar heroínas, para acompanhar o momento histórico, ele não consegue alcançar os reais interesses e discursos das mulheres, pois ele é produto da sociedade que ele vive, patriarcal e machista. Assim, no decorrer do enredo das revistas dos X-men ele constrói a imagem do gênero feminino como um ser frágil, recatado, infantilizado e objetificado, que sempre necessita da figura masculina a sua frente. (ALTHUSSER, 1985)

Apesar das conquistas do movimento feminista terem questionado as proposições de papéis às mulheres como condutas criadas socialmente, é importante salientar que as reflexões não se estendiam às mulheres negras. A diferença assumida pelos gêneros não se dava apenas entre homens e mulheres, mas também entre os próprios gêneros. Para Lúcia Loner Coutinho (2010), existem diversas formas de ser mulher e a busca pela igualdade de direitos pelo feminismo contemplava somente as diferenças em relação ao homem, universalizando as mulheres de forma homogênea.

O feminismo negro, segundo Lúcia Loner Coutinho (2010), começou a tomar forma na década de 80, quando mulheres negras se organizaram para exigir que suas vozes se fizessem ouvir. Apesar do movimento feminista já existir desde o século XIX, ele sempre privilegiou mulheres brancas e educadas das elites econômicas. A este respeito, Sueli Carneiro (2003) observa que as reivindicações destas iniciativas nunca consideraram os aspectos étnicos, mas sim o gênero feminino.

Diferente das mulheres brancas, cuja fragilidade justificava a proteção paternalista masculina, as mulheres negras nunca perceberam em si

mesmas esta fragilidade, assim como, de acordo com Sueli Carneiro (2003), estas mulheres não compreendiam o motivo pelo qual as feministas diziam que deveriam ganhar as ruas e trabalhar, uma vez que as negras faziam parte do contingente de mão de obra que, durante séculos, foi obrigado a trabalhar nas lavouras sob o regime escravocrata e, quando libertas, precisaram trabalhar nas ruas.

A respeito desta identificação, Lúcia Loner Coutinho (2010) observa que, assim como o gênero, a experiência étnica é muito mais percebida pelo grupo que sofre a dominação. Desta forma, o “[...] status agregado à cor da pele e ao sexo não faz parte do cotidiano dos homens, e dos brancos, como faz respectivamente para as mulheres e para os negros, em geral”. (COUTINHO, 2010, p. 67)

É importante salientar que, apesar do feminismo ter beneficiado e revisto o papel da mulher perante a sociedade, ele não se estendia às mulheres negras. A diferença assumida pelos gêneros e combatida pelos movimentos não se dava apenas entre homens e mulheres, mas também entre os próprios gêneros.

Um apontamento a este respeito é feito por Lúcia Maria de Lima Barbosa (2010) ao constatar que a mulher negra nunca exerceu o papel de opressor. Sendo assim, na estrutura social, o homem branco representa o opressor da mulher branca, do homem negro e da mulher negra. Homem e mulher negra são oprimidos pelo homem e pela mulher branca e resta à mulher negra ser oprimida também pelo homem negro.

Sobre essa questão, Lúcia Maria de Lima Barbosa (2010) salienta que a inclusão do ponto de vista das mulheres negras aos movimentos feministas pode contribuir para “[...] criticar a hegemonia racista, sexista, classista, para que seja possível prever e criar uma contra-hegemonia” (BARBOSA, 2010, p. 2). Estas mulheres têm desenvolvido uma interpretação delas mesmas a fim de colaborar para a construção social do pensamento feminista negro e da identidade da mulher afro-americana. De acordo com Lúcia Maria de Lima Barbosa (2010), este pensamento se baseia em cinco pontos essenciais: o legado de uma vida de lutas e superação, a natureza oprimida por questões de raça, gênero e classe, o combate aos estereótipos adotados, a atuação como líderes comunitárias e em relação à política sexual.

O pensamento feminista negro tenta oferecer às mulheres uma nova forma de verem a si mesmas, diferente da ordem social estabelecida. De acordo com Lúcia Maria de Lima Barbosa (2010), “[...] isso é feito

com base na cultura e nas tradições das mulheres negras; assim, o pensamento feminista negro rearticula a consciência do que já existe. Ele oferece ferramentas de resistência para as subordinações vividas pelas mulheres afro-americanas” (BARBOSA, 2010, p. 4). No entanto, esta articulação pode ser suprimida pelo poder de domínio exercido pelo homem branco, como podemos identificar nos produtos que constituem a cultura da mídia.

4. As personagens femininas de X-men



Fig. 1 – Uma das personagens mais poderosas do X-men e de toda a Marvel retirada da internet: <<https://oestranhomundodebrubs.wordpress.com/2016/11/20/personagens-negros-fds-especial-dia-da-consciencia-negra>>

A população diversificada em X-men inclui a personagem afro-americana *Ororo Munroe*, o codinome *Tempestade*, filha de uma princesa africana com um fotógrafo norte americano (IRWIN, 2005, p.86). Ela ficou órfão ainda muito nova, seus pais morreram soterrados sob escombros de um prédio, ficou abandonada e sozinha nas ruas do Cairo, Egito. Anos mais tarde, já adolescente, Ororo parte em uma jornada para o sul do continente africano. Ao ter que atravessar o Deserto do Saara sozinha, seus poderes começam a despertar. A mutante possui a habilidade de controlar o clima, o que inclui mudanças climáticas, desastres naturais e mesmo o controle dos ventos que lhe possibilita flutuar. Durante sua jornada, conhece T'Challa, príncipe da nação africana Wakanda, por quem nutre uma grande atração. No entanto, a jornada de Ororo a mantém em

viagem impedindo que os dois fiquem juntos.

Ao alcançar a planície do Seringeti, no Quênia, a personagem encontra a terra natal de seus ancestrais. Ororo pertence a uma longa linhagem de sacerdotisas cujos cabelos são brancos e os olhos azuis. Neste ambiente, ela é acolhida por uma anciã tribal que lhe ensina a responsabilidade sobre seus poderes recém-adquiridos. Por causa da sua capacidade de trazer chuva para uma região árida cujo sustento é proveniente da agricultura e da caça, Ororo passa a ser adorada como uma deusa pelas tribos, o que causa grandes problemas de reconhecimento à garota. Apenas quando é recrutada e passa a fazer parte dos *X-men* é que Ororo descobre que, na verdade, é uma mutante e não uma deusa, e que existem outros iguais a ela. Inicialmente, a personagem se recusa a integrar a equipe, porém, ao se conscientizar de que os seus poderes podem ajudar outras pessoas além das tribos africanas, Ororo se convence de que deve aceitar a proposta de Xavier e passa a ser conhecida como Tempestade.

Como muitas jornadas mitológicas heroicas, a história desta *X-woman*, começou com uma tragédia. Apesar de sua história trágica, Tempestade consegue tomar sempre decisões corretas, pois não tem ânsia alguma, não tem a tentação de fugir da responsabilidade.

Ela (...) atende o chamado para novas aventuras, trocando o conhecido pelo desconhecido, enfrentando provações, aprendendo com elas e retornando para casa (...) com uma rica sabedoria. [...] Tempestade deixa o isolamento e a segurança do Quênia onde é venerada como uma deusa por seus incríveis poderes, para juntar-se ao Professor Xavier nos EUA, atravessando aquele limiar e enfrentando pesadas provações, tudo em nome da justiça e do bem. (IRWIN, 2005, p. 86)



Fig. 2. LEE, Stan. *X-men: Tempestade de Fogo*, n. 2. Rio de Janeiro: Abril, abr. 1995, p. 20.

Tempestade é uma mulher bonita, com um corpo perfeito (estereótipo de mulher sob a concepção masculina), mas Tempestade não está em cena só por seu tipo físico, ela é o centro de uma matriz heterossexual patriarcal e tradicional, o relacionamento clássico homem-mulher. Ela é ela mesma, e acrescenta considerável substância aos X-men (IRWIN, 2005, p. 86)

A luta pela discriminação implica, assim, na recriação de uma identidade própria, que supere as hierarquias do forte e do fraco, do ativo e do passivo. Identidade esta em que as diferenças entre os sexos sejam de complementaridade e não de dominação. Em que força e fraqueza, atividade e passividade não se coloquem como polos opostos definidores do masculino e do feminino, e sim como parte da totalidade dialética, contraditória, do ser humano. (ALVES, 1985, p. 57)

Tempestade quebra a discriminação sobre a figura da mulher, dentro da Escola Xavier, onde não há diferenciação entre homens e mulheres, todos sendo mutantes, todos sendo os X-men.

Na realidade existem muitos gêneros, muitos “feminismos” e “masculinismos”, e esforços vêm sendo feitos no sentido de se reconhecer a diferença dentro da diferença, apontando que mulher e homem não constituem simples aglomerados; elementos como cultura, classe, etnia, geração, religião e ocupação devem ser ponderados e intercruzados numa tentativa de desvendamento mais frutífera, através de pesquisas específicas que evitem tendências a generalizações e premissas preestabelecidas. Sobrevém a preocupação em desfazer noções abstratas de mulher e homem, enquanto identidades únicas, a-históricas e essencialistas, para pensar a mulher e o homem como diversidade no bojo da historicidade de suas inter-relações. (MATOS, 2000, p. 15)

Na primeira aparição de Tempestade nas histórias, é possível identificar o olhar sexista e estereotipado ao qual Lícia Maria de Lima Barbosa (2010) se refere ao apontar as políticas sexuais como um dos fundamentos do movimento feminista negro. Apesar de dividir a capa (**Fig. 3**) com os seus companheiros de equipe com igual destaque, a personagem é apresentada aos leitores durante o ritual no qual seus seios estão expostos (**Fig. 4**).

A sexualidade da personagem foi explorada em diversos outros momentos, seja por meio da insinuação da prática sexual, por meio de trejeitos sedutores ou mesmo expondo o próprio corpo. Apesar de coincidir com as argumentações apresentadas por Lícia Maria de Lima Barbosa (2010), esta representação está atrelada mais a uma questão de gênero, e não de etnia. Em sua análise, Selma Regina Nunes Oliveira (2007) observa que, a partir da década de 80, as personagens femininas

passaram a apresentar uma demasiada sensualidade que refletia as mudanças socioculturais das décadas anteriores. No entanto, Tempestade antecipa esta representação.

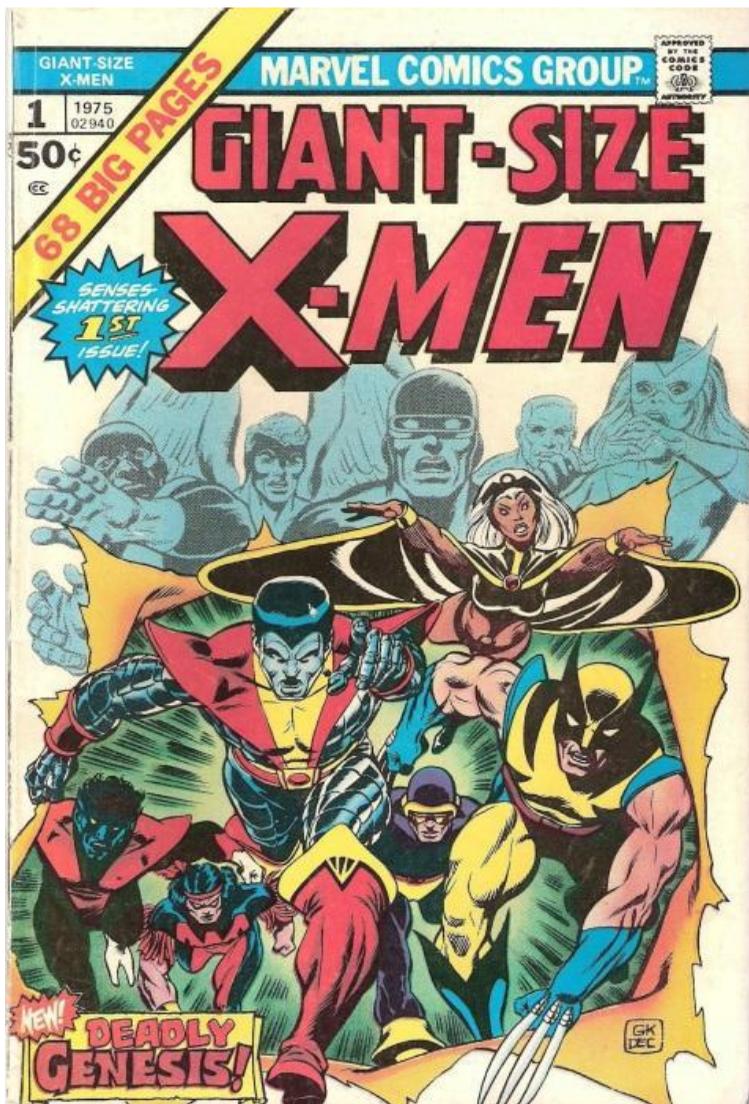


Fig. 3 - Capa de *Giant-Size X-men* #1 (1975)



Fig. 4 - Primeira aparição de Tempestade.
Fonte: *Giant-Size X-men* #1, p. 14 (1975).

Os anos 60 e 70, de acordo com Selma Regina Nunes Oliveira (2007), ainda que apresentassem alguma mudança em relação ao modelo feminino adotado até então, trouxeram aos quadrinhos super-heroínas que representavam o “modelo boneca do amor [...]” (OLIVEIRA, 2007, p. 105), cujo objetivo era conquistar a atenção dos leitores masculinos adolescentes com o mesmo discurso que era praticado pelas revistas femininas da época: a heroína doméstica. Neste sentido, Tempestade contesta estes valores ao resgatar o amazonismo da Mulher Maravilha, que era praticado livremente nas publicações europeias por meio de personagens belas, sensuais e independentes.

Ao longo de sua permanência na equipe, Tempestade desenvolveu uma grande amizade com Jean Grey. O choque cultural entre as duas personagens explorado em algumas histórias nos leva a uma interpretação etnocêntrica desta relação. Assim que chegou a Nova York, a mutante ainda estava habituada ao comportamento de sua tribo africana. Não entendia, por exemplo, por que não poderia nadar nua na piscina do instituto. A relação com Jean ajudou a “civilizar” Tempestade aos costumes socialmente normatizados.

Um aspecto apontado por Lícia Maria de Lima Barbosa (2010) é a respeito da liderança exercida pela mulher negra em seu grupo social. Neste sentido, Ororo se destaca por ser uma líder de grande influência em diversas fases de sua existência. Ainda na África, foi líder do grupo de crianças que a acolheu e ensinou a praticar pequenos furtos. Mais adiante, com a manifestação de seus poderes, passou a ser adorada como deusa em uma região considerada “subdesenvolvida”. Quando se filiou

aos *X-men*, foi escolhida líder da nova equipe que se formava pouco após a primeira missão que participou e de novas equipes que se formaram posteriormente. Conquistou a liderança dos mutantes *Morlocks* em combate com Callisto, que se tornou líder interina do grupo quando Tempestade não estava presente.

Ao casar-se com T'Challa, se tornou rainha de Wakanda e, ao lado do marido, substituiu temporariamente Susan Storm e Reed Richards na liderança do Quarteto Fantástico. É possível identificar que a frequente liderança exercida pela personagem contradiz um estereótipo de submissão e o histórico de opressão sofrido pela mulher negra, como aponta Lícia Maria de Lima Barbosa (2010). Com exceção dos *Morlocks* e de Wakanda, Tempestade esteve à frente de grupos formados quase que integralmente por homens brancos. Em um destes casos, inclusive, venceu o parceiro Ciclope em um combate corpo a corpo (**Fig. 5**) em uma das batalhas mais celebradas pelos fãs de *X-men*.



Fig. 5 - Capa de *Uncanny X-men* #201 (jan. 1986).
Fonte: *Uncanny X-men* #201 (jan. 1986).

Além das questões levantadas até aqui, chamam a atenção os relacionamentos desenvolvidos pela personagem. Em pouco mais de 40 anos de existência, Tempestade se envolveu afetivamente com Forge (de origem indígena), Khan (alienígena), Wolverine (canadense), Noturno (alemão) e, mais recentemente, se casou com seu amor da adolescência, T'Challa (wakandense). Também houve rumores do envolvimento amoroso da personagem com Yukio (japonesa) e a ex-líder dos *Morlocks*, Callisto (origem desconhecida). Chama atenção nesta lista a presença exclusiva de homens – e mulheres – que não se enquadram no perfil de homem branco médio americano.



Fig. 6 – Jean Grey.

Fonte: <http://universoanimanga.blogspot.com.br/2015/06/marvel-comics-jean-grev.html>

Esta constatação é feita pelo pesquisador Amaro Xavier Braga Júnior (2013) ao mapear os casais inter-raciais no universo Marvel durante toda a sua existência. Segundo o autor, “Com mais de 60 anos de história

e mil personagens criados, só existiram dez casais inter-raciais envolvidos com a identidade negra (e a grande maioria surgida nas últimas duas décadas)” (BRAGA JR., 2013, p. 16). De fato, é possível identificar que esta questão ainda é bastante delicada na sociedade norte-americana.

Como vimos os X-men foram as primeiras histórias em quadrinhos a apresentar as mulheres como super-heroínas com papel de destaque na Marvel Comics. E *Jean Grey*, foi à primeira aluna do *Professor Xavier* em sua *Escola para Jovens Super Dotados, o Instituto Xavier*. Jean Grey foi a primeira X-woman a ser criada por *Lee/Kirby* em 1963.

Jean Grey é uma entre os sete mutantes originais apresentados nos X-men, uma jovem com tremendas habilidades mentais (IRWIN, 2009, p. 92), os seus poderes são a telepatia e telecinesia. Jean Grey é muito diferente da personagem *Tempestade* (que vimos anteriormente) criada na década de 1970, mais de uma década depois de Jean. Ambas representam as novas atitudes em relação à mulher na sociedade estadunidense. Como vimos, a personagem *Tempestade* é esperta, autoconfiante e altamente habilidosa e operam sem a menos necessidade de um amor romântico. Em contrates vimos Jean Grey, que é retratada nas histórias em quadrinhos como alguém confiável, leal e inteligente, sem grande autoconfiança e dependente dos homens à sua volta; ela vive na sombra do Grande Professor Xavier. Ela é atraente e faz parte de um triângulo amoroso com seus colegas de X-men *Scott Summer* e *Logan (Cíclope e Wolverine)*. Jean Grey funciona como o foco de uma contínua matriz heterossexual, promovendo o relacionamento tradicional homem-mulher às plateias. (IRWIN, 2005, p. 91)

A personagem de Jean Grey está destinada a um passo gigantesco no processo de evolução. Para os assíduos leitores das histórias em quadrinhos dos X-men, Jean Grey é o sinônimo da *Fênix*, um ser cósmico que assume a identidade de Jean após ela ser exposta a altos níveis de radiação solar durante uma missão de salvamento.

Desde a sua chegada ao Instituto Xavier, Jean teve de lutar pela vida. Possuída por uma entidade cósmica (a *Fênix*), ou traída por seu único amor Scott Summer, codinome Cíclope com Emma Frost, a Rainha Branca. Desde sua estreia, Jean Grey tem lutado e se sacrificado, em inúmeros futuros, dimensões e linhas de tempo. Sua existência parece ser infinita por que seus poderes mutantes lhe permitem invocar e se fundir com a força cósmica da vida e da morte. Jean teve mais ressurreição que qualquer outro personagem dos X-men, o que significa que ela também

morreu mais que qualquer outro mutante na série. Entretanto, sua existência pertence a alguém que se recria a si mesma permanentemente a partir das cinzas do passado, alguém que personifica o ideal existencialista a um grau sem precedente, uma vez que, por meio de suas escolhas, ela redefine repetidamente o significado de sua existência, remodelando o X-verso em que vive. (IRWIN, 2005, p. 93)

Jean Grey representa bem o ser mitológico dos assírios, a Fênix.

A maior parte dos seres nasce de outros indivíduos, mas há uma certa espécie que se reproduz sozinha (...) a fênix. Faz um ninho de ramos (...)nele junta cinamomo, nardo e mirra, e com essas essências constrói uma pira sobre a qual se coloca, e morre. Do corpo da ave surge uma nova fênix, destinada a viver tanto quanto a sua antecessora. (BULFINCH, 2006, p. 295)



Fig. 7. CLAREMONT, Chris. *Uncanny X-men*, n. 101. N.Y.: MARVEL, 1976, p. 21.

Na trilogia dos filmes dos X-men, Jean Grey passa pelo nível pré-convencional sendo orientada por aqueles que têm autoridade. Parece tímida e submissa, com uma voz suave, explicando o fracasso a Xavier ou desculpando-se por não poder realizar certas tarefas porque não é muito poderosa (*X – Men: O Filme*, 2000).

A mística do “eterno feminino”, ou seja, a crença na inferioridade “natural” da mulher, calcada em fatores biológicos. Questiona assim a ideia de que homens e mulheres estariam predeterminados, por sua própria natureza, a cumprir papéis opostos na sociedade: ao homem, o mundo externo; a mulher, por sua função procriadora, ao mundo interno. (ALVES, 1985, p. 55)

Ela também exhibe em muitas ocasiões o nível convencional de desenvolvimento moral, quando age para agradar aos outros de acordo com suas expectativas. Por fim, quando no final do segundo filme (*X-men* 2003), Jean sacrifica sua vida para salvar seus colegas. Nesse ato, ela rejeita os desejos e apelos dos outros e age por conta própria para preservar o bem comum, independente de seus vínculos e relacionamentos emocionais. Ela pode ser vista em seu supremo ato de autossacrifício como a utilitarista quintessencial, calculando o melhor interesse do maior número de pessoas envolvidas e, em um ato de fria racionalidade, escolhe a ação, ainda que isso signifique a morte. Mas, essa é a Jean Grey que conhecemos? Ou ela estaria agindo segundo a mais profunda forma de cuidado? (IRWIN, 2005, p. 92)

Quando Jean Grey se sacrifica para salvar seus colegas de time (os X-men), ela segue uma interpretação comum da ética, que insiste para que as mulheres se considerem tão merecedoras quanto os homens. Muitas analistas feministas sugerem que a ética do cuidado, interpreta de modo correto, exclui qualquer tipo de sacrifício pelos outros. Elas recomendam, no entanto, o equilíbrio entre um interesse saudável da mulher por si mesma e o interesse apropriado pelo bem-estar dos outros. (IRWIN, 2005, p. 92)

Agindo assim, ela se torna uma espécie de figura feminina e sua morte parece pressagiar uma ressurreição, algo que será apresentado no terceiro filme da série X-men (*X-men 3: O confronto final*. 2006).

Jean Grey prova que este não é privilégio só dos homens. E, ao fazer isso, ela talvez esteja superando a dualidade implícita tanto na ética do cuidado quanto na interpretação feminista dela. Ela não pesa seus direitos em contrastes com os seus colegas, e não questiona de quem vai cuidar melhor; dela mesma ou deles. É possível que ela tenha transcendido por meio da dualidade para uma singularidade ou unidade com os outros, a ponto de elidir a diferença entre autossacrifício e autopreservação. Ela faz o que precisa ser feito para a preservação da unidade maior.

Jean transcende as demandas e deveres da ética normal, age além do chamado de dever, isso lhe traz uma surpreendente recompensa, por meio de um renascimento como a extraordinária e poderosa Fênix (IR-

WIN, 2005, p. 93). Essa pode ser a moderna apresentação mística do supremo poder transformativo do amor. Jean Grey morre, mas renasce de suas cinzas, como a poderosa Fênix, uma poderosa mulher.

5. *Considerações finais*

As histórias em quadrinhos são de um mundo da supremacia masculina, e o papel da mulher era de submissa aos homens, sempre como papel de mocinhas nas histórias ou como auxiliar do super-herói. Isso é bem retratado na história de nossa sociedade, com a mulher tendo sempre um papel secundário. Um viés político de corte neopositivista, que é centrada nos estudos das elites e dos heróis masculinos. (MATOS, 2000, p. 11)

Pensar em fazer análise sobre as personagens femininas do X-men, a Fênix e a Tempestade, é uma forma de observar como o papel da mulher tem tido mudanças de acordo com os anos passados até mesmo nas histórias em quadrinhos, denominada cultura de massa, apesar de serem escritas por homens, foi percebido uma necessidade de dar voz e vez as mulheres também dentro dos quadrinhos, a fim de atingir todos os tipos de públicos e de dar as representações das mulheres os valores que de fato vem sendo adquirido por elas com o passar dos tempos, depois de tantos movimentos feministas, muitas conquistas foram adquiridas, então nada mais justo do que essas conquistas de espaço serem apresentadas também no universo dos quadrinhos.

Estas mudanças estiveram vinculadas a um contexto sociocultural que, de acordo com os autores citados, mudou o papel social desempenhado por mulheres brancas e negras nos Estados Unidos e em outros países do Ocidente.

Mesmo precisando serem salvas pelos super-heróis ou auxiliando-os, as mulheres começam a ganhar poderes e tornando-se super-heroínas nas histórias em quadrinhos; assim, aos poucos, começam a sair da sombra do super-herói, conquistando seu espaço, buscando sua autonomia, na mesma medida em que as mulheres na vida real, fora da história de ficção, iam conquistando seu espaço na sociedade; isto ocorre a partir da década de 1940 com a criação da super-heroína, *Mulher Maravilha* e, principalmente na década de 1960 e 1970, com o turbilhão dos movimentos por direitos civis e da libertação feminina. É neste período que nascem os super-heróis *X-men*, em que as super-heroínas ganham um grande

destaque: como a poderosa mutante *Jean Grey*, primeira aluna do Instituto Xavier, no início da década de 1960 e, uma década mais tarde a mutante do tempo, *Tempestade*, líder em frente ao time de super-heróis X-men.

Foi demonstrado que o papel da mulher hoje em dia vai muito além de submissão aos homens, as mulheres deixaram de serem meros personagens coadjuvantes e tornaram-se também personagens principais, vemos que as mocinhas indefesas que eram retratadas no início do histórico das histórias em quadrinhos, hoje são vilãs, são donas da própria história, são o que elas quiserem e não deixam de seus valores por isso, continuam amorosas, apaixonadas, cuidadoras, trazem a imagem como símbolo sexual idealizado por homens mas provam que o corpo escultural e o rostinho bonito não são os mais importantes, elas demonstram que a mulher forte, corajosa, ágil, esperta e inteligente pode ser tão boa quanto os principais personagens masculinos, elas demonstram que podem receber com mérito o título de super-heroína, como são conhecidas.

Podemos considerar que a mulher negra representada pela *Tempestade*, inscrita na cultura de massas tem sua identidade definida por estereótipos naturalizados ao longo dos anos. A força, o misticismo, a sensualidade, a beleza exótica e misteriosa são elementos que constituem esta representação e estão presentes na caracterização da personagem. Porém, é possível destacar que a personagem atende muitas das reivindicações do feminismo, tais como a igualdade entre gêneros, a independência feminina e a abordagem multidimensional das personagens femininas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado (AIE). Trad.: Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro; introdução crítica de José Augusto Guilhaon Albuquerque. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ALVES, Branca Moreira. *O que é feminismo*. São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1985.

BARBOSA, Lícia Maria de Lima. Feminismo negro: notas sobre o debate norte americano e brasileiro. In: *Anais do Fazendo Gênero 9*: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, UFSC, 2010. GT: Mulheres negras e suas diversas formas de organização nos contextos urbano e rural no Brasil, vol. 1, p. 1-9. Disponível em:

http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278291423_arqui

[vo_fazendogenero9licia barbosa1.pdf](#)>. Acesso em: 21-09-2017.

BRAGA JR., Amaro Xavier. A ambientação de personagens negros na Marvel Comics: periferia, vilania e relações inter-raciais. *Revista Identidade*, Araxá, vol. 18, p. 03-20, 2013.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA Empreendimentos Sociais; TAKANO Cidadania (Orgs.). *Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano, 2003, p. 49-58.

COUTINHO, Lúcia Loner. *Antônia sou eu, Antônia é você: identidade de mulheres negras na televisão brasileira*. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

GIANT-SIZE X-men #1. vol. 1. maio 1975. Disponível em: <http://marvel.wikia.com/wiki/Giant-Size_X-men_Vol_1>. Acesso em: 28-09-2017.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

HOWE, Sean. *Marvel Comics: a história secreta*. São Paulo: LeYa, 2013.

IRWIN, Willian. *Super heróis e a filosofia*. São Paulo: Madras, 2005.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Por uma história da mulher*. Bauru: Edusc, 2000.

OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. *Mulher ao quadrado: as representações femininas nos quadrinhos norte-americanos: permanências e ressonâncias (1895-1990)*. Brasília: Universidade de Brasília: Finatec, 2007.

REBLIN, Iuri Andréas. Apresentação. In: VIANA, Nildo; REBLIN, Iuri Andréas. (Orgs.). *Super-heróis, cultura e sociedade: aproximações multidisciplinares sobre o mundo dos quadrinhos*. Aparecida: Ideias & Letras, 2011, p. 7-9.

UNCANNY X-men #201, vol. 1, jan. 1986. Disponível em: <http://marvel.wikia.com/wiki/Uncanny_X-men_Vol_1_201>. Acesso em: 04-10-2017.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

VIANA, Nildo. Prefácio. In: VIANA, Nildo; REBLIN, Iuri Andréas (Orgs.). *Super-heróis, cultura e sociedade: aproximações multidisciplinares sobre o mundo dos quadrinhos*. Aparecida: Ideias & Letras, 2011, p. 10-13